

## PSICOSE: Norman Bates e o Complexo de Édipo

**Jean Claudio dos Santos Parra**

Graduando em Psicologia,  
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

**Mariely de Lima Andrade**

Graduanda em Psicologia,  
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

**Susie Donero**

Psicóloga, Especialista em Teoria Psicanalítica – UFMG;  
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estabelecer um perfil psicológico de Norman Bates, personagem protagonista do romance *Psicose* (1959) e de suas respectivas adaptações para cinema e TV – *Psicose* (Alfred Hitchcock, 1960), e *Bates Motel* (Carlton Cuse, Kerry Ehrin e Anthony Cipriano, 2013), abordando, a partir do conceito psicanalítico de Complexo de Édipo, a relação entre Norman e sua mãe, uma vez que nas narrativas, observamos que a mãe torna-se objeto de desejo do menino e o pai que teria a função de impedir o acesso da criança ao objeto desejado, promovendo a separação da díade mãe-filho é assassinado pelo protagonista, possibilitando associar a interferência dessa relação familiar na origem da patologia do personagem. Com base nas informações adquiridas por meio dos materiais ficcionais, iniciou-se a pesquisa bibliográfica referenciada em livros e artigos científicos sobre o tema abordado.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicanálise; complexo de Édipo; psicose; Norman Bates.

### INTRODUÇÃO

A série de TV *Bates Motel* (2013) produzida por Carlton Cuse, Kerry Ehrin e Anthony Cipriano, foi proposta como um retrato dos acontecimentos que antecedem o filme *Psicose* (1960) dirigido por Alfred Hitchcock, na qual a história baseia-se na infância e adolescência de Norman Bates e em como seu perfil psicológico foi sendo construído.

A história começa quando Norman, ainda com 17 anos, e sua mãe Norma compram um motel a beira de estrada com a intenção de recomeçar a vida, após a morte do pai. Mais tarde é revelado que Norman é o responsável pela morte do pai e que sua mãe havia omitido o ocorrido, assim como os demais crimes cometidos por ele no decorrer da trama.

O filme *Psicose* (1960), dirigido por Alfred Hitchcock, é uma adaptação do romance homônimo publicado pelo escritor Robert Bloch em 1959. A história é

inspirada na série de crimes cometidos por Ed Gein, o assassino de Winsconsin, nos anos de 1950. *Psicose* (1959) narra a história de Norman Bates, um jovem gerente de um motel pouco frequentado, totalmente controlado pela mãe, por quem apresenta uma grande fixação.

Ao final do filme *Psicose* (1960), é constatado que a mãe de Norman havia sido morta por ele há alguns anos por motivos de ciúme e que os crimes atribuídos à mãe falecida, eram, na verdade, cometidos por ele, travestido com as roupas dela.

A fixação que Norman apresenta pela mãe traz a possibilidade de pensar no conceito de Complexo de Édipo da teoria psicanalítica que aponta que no curso natural do desenvolvimento infantil, a mãe torna-se o objeto de desejo do menino e o pai ou substituto passa a ser visto como o rival que o impede de ter acesso a esse objeto (FREUD, 1923/1974). Assim, na perspectiva do Complexo de Édipo, a figura paterna teria como função primordial a proibição dos investimentos incestuosos endereçados a mãe, promovendo a internalização das leis morais e sociais na criança (FREUD, 1923/1974).

A partir do exposto em Freud (1923/1974), nota-se que a maneira como a criança elaboraria a problemática do Complexo de Édipo e a posterior internalização das leis sociais e morais teriam influência na formação da personalidade do sujeito na fase adulta.

Dessa forma, o presente artigo buscará estabelecer o perfil psicológico de Norman Bates, personagem protagonista do romance *Psicose* (1959) e de suas respectivas adaptações para cinema e TV – *Psicose* (1960), e *Bates Motel* (2013) – abordando a relação entre Norman e sua mãe, a partir da teoria psicanalítica, buscando compreender a patologia do personagem, através da problemática do Complexo de Édipo e da ausência da função paterna nessa relação.

## 2 METODOLOGIA

Para a metodologia do presente artigo, partimos da leitura do livro *Psicose* de Robert Bloch que nos apresentou ao universo de Norman Bates. Em seguida, assistimos a adaptação cinematográfica dirigida por Alfred Hitchcock e, para finalizar, o seriado *Bates Motel* da Universal Television criado por Carlton Cuse, Kerry Ehrin e Anthony Cipriano. Com base nas informações adquiridas por meio dos

materiais ficcionais, iniciou-se a pesquisa bibliográfica, referenciada em livros e artigos científicos, estruturada em tópicos.

### **3 REVISÃO TEÓRICA**

#### **3.1 Norman Bates**

O presente item tem como objetivo traçar o perfil psicológico de Norman Bates de forma cronológica, passando pela sua infância e adolescência na série de TV *Bates Motel* (2013), sua vida adulta no filme *Psicose* (1960) e os eventos ocorridos com a personagem Marion Crane no mesmo, por meio de tópicos.

#### **3.2 Bates Motel: O prelúdio de Psicose**

A ficção seriada *Bates Motel* (2013), narra a história de Norman Bates (Freddie Highmore), um garoto de 17 anos, que se muda com sua mãe Norma Bates (Vera Farmiga) após a morte do pai, e compra um motel a beira da estrada, com a intenção de recomeçar a vida (GONTIJO; CAMPOS, 2016, p. 8).

Segundo Andrade (2016, p. 11) “O seriado focaliza os acontecimentos antecedentes à hospedagem de Marion Crane, protagonista do filme *Psicose* (1960), no motel dos Bates, demonstrando os primeiros sinais de distúrbios psicológicos de Norman Bates, ainda na adolescência”.

Na primeira temporada de *Bates Motel* (2013), podemos observar Norma Bates, mãe de Norman, escondendo de todos os fatos sobre a morte do marido provocada por seu filho, após um de seus surtos amnésicos, os quais ela refere-se como “apagões”. Percebe-se que Norma sabe que seu filho sofre de algum distúrbio psicológico. Após o ocorrido, ambos se mudam de cidade e compram um motel a beira de estrada.

Gontijo e Campos (2016, p. 9) apontam que “O amor platônico que Norman sente pela mãe, o incita a matar o próprio pai (...) e mais tarde matar sua professora, pois ele acredita que seus desejos sexuais endereçados a outras mulheres despertam ciúmes em sua mãe, lembrando evidentemente a Marion, personagem do filme *Psicose* (1960)”.

Na segunda temporada de *Bates Motel* (2014), Norman fica obcecado com a morte de sua professora e, no decorrer da trama, sua mãe lhe conta sobre os “apagões”. Ao final da temporada, Norman é submetido a um teste de polígrafo para saber se ele é realmente culpado pela morte de sua professora. Neste momento,

entra em cena uma alucinação de sua mãe dizendo que ela havia matado a professora e não Norman, com isso, Norman é considerado inocente pelo crime.

Na terceira temporada de *Bates Motel* (2015), Norma passa a dedicar-se mais a Dylan (Max Thieriot), seu filho mais velho e meio-irmão de Norman, e começa a surgir um interesse amoroso entre ela e o Xerife Romero (Nestor Carbonell), despertando evidentemente o ciúme de Norman por sua mãe e, conseqüentemente, contribuindo para a evolução de sua patologia.

O ápice do distúrbio psicológico de Norman desenvolve-se na quarta temporada da série (2016), pois Norman é internado em um hospital psiquiátrico, em função de suas amnésias cada vez mais recorrentes e durante uma sessão de terapia, assume a personalidade da mãe, revelando que o início de sua patologia surgiu na infância, quando assistiu o próprio pai estuprando a mãe.

Em relação ao romance *Psicose* (1959) e o filme homônimo de 1960 podemos notar algumas diferenças no comportamento de seus personagens protagonistas na adaptação para série de TV.

Em *Bates Motel* (2013), observa-se um Norman apaixonado e cobiçado por outras meninas, mostrando-se um pouco menos controlado por sua mãe, tendo em certas horas iniciativa própria. (...) e vemos Norma (mãe do personagem), uma mulher bipolar, como uma mãe controladora e obsessiva pelo comportamento do filho” (GONTIJO; CAMPOS, 2016, p. 8).

Notamos a partir do exposto que a patologia do personagem vai se agravando com o decorrer dos anos, chegando ao ápice na fase adulta, na trama do filme *Psicose* (1960).

### **3.3 Psicose: O romance e o clássico do cinema**

No romance *Psicose* (1959), Robert Bloch cria um Norman Bates com 40 anos de idade, gordo e solteiro. “Ele dedica sua vida apenas a cuidar do motel. Sendo introspectivo, ele era incapaz de se relacionar com outras pessoas e era totalmente controlado pela mãe” (GONTIJO; CAMPOS, 2016, p. 3).

Já “Na sinopse do filme *Psicose* (1960), Marion Crane (Janet Leigh) foge levando quarenta mil dólares que seu patrão a havia encarregado de depositar no banco. À noite, ela para em um motel pouco frequentado. O jovem gerente do motel, Norman Bates (Anthony Perkins) que vive em companhia da mãe, a recepciona” (PENA, 2013, p. 6).

De acordo com Júnior e Neto (2015, p. 176), “Depois do jantar e da discussão com Norman, Marion decide voltar para sua cidade, devolver o dinheiro e tentar limpar sua consciência. Depois dessa decisão, vai para o banheiro tomar um banho e é assassinada no chuveiro”.

“(…). Não era máscara, não podia ser. Uma camada de pó-de-arroz de um branco mortal tampava-lhe as feições, exceto as maçãs do rosto onde se concentravam duas rosas héticas de rouge. Não era máscara. Era o rosto insano de uma velha louca. Mary começou a gritar” (BLOCH, 2013, p.23).

Segundo Oliveira e Gutemberg (2015, p. 134), “Na prisão, é através da fala de um psiquiatra que temos conhecimento de que quem comete os assassinatos é Norman – travestido – em meio a um transtorno de personalidade que o faz acreditar ser sua mãe”.

“Somente no final é revelado que a mãe de Norman, está realmente morta há muito tempo e a mãe presente no decorrer da história é, na verdade, outra personalidade do filho” (JÚNIOR; NETO, 2015, p. 179).

“Quando sua mãe se envolve com outro homem, Norman envenena-os, levando todos a pensar que haviam tirado a própria vida. Assim logo depois do crime, ele passou um mês no hospital psiquiátrico. Quando saiu, à primeira coisa que fez foi desenterrar sua mãe achando que estava viva. Depois disso ele desenvolve um transtorno dissociativo de identidade, que faz com que ele assuma por vezes a personalidade da sua falecida mãe” (GONTIJO; CAMPOS, 2016, p. 4).

De acordo com Silva et al. (2015, p. 10) “Norman não consegue viver sem a presença da mãe, então, ele rouba-lhe o cadáver (...) Ele queria interagir com ela, por isso, ele assume para si a personalidade da mãe, atribuindo à mulher a culpa por todos os seus crimes”.

Segundo Gontijo e Campos (2016, p. 9) “Nas três formas de se contar história de Norman Bates, é possível visualizar coisas em comum, como o fato de serem controlados pela mãe, e de serem incapazes de a largarem”.

Buscando compreender o perfil do personagem Norman Bates, protagonista do romance *Psicose* (1959) e de suas respectivas adaptações para cinema e TV, os próximos itens abordarão a relação entre Norman e sua mãe com o Complexo de Édipo, a partir da teoria psicanalítica.

### 3.4 O Complexo de Édipo

Com intuito de compreender o perfil psicológico do personagem Norman, este item abordará o conceito de Complexo de Édipo, a partir da teoria psicanalítica.

Freud (1931/1974) aponta que o primeiro objeto de amor da criança seria a mãe ou substituto materno, pois seria ela quem, na maioria dos casos, supriria as necessidades da criança, estágio esse denominado pelo autor de pré-edípico. Assim, a partir de Freud (1931/1974), pode-se inferir que nessa fase, o pai ocuparia um lugar secundário para a criança, pois a atenção dela se voltaria à mãe ou responsável por suprir suas necessidades primárias. Com o ingresso da criança na fase edipiana, o pai ou substituto paterno passa a se inserir nessa relação mãe-criança, instaurando a situação triangular (FREUD, 1923/1974).

Por outro lado, Freud (1923/1974, p.47) descreve “um estudo mais aprofundado geralmente revela o Complexo de Édipo mais complexo, o qual é dúplice, positivo e negativo, e devido a bissexualidade originalmente presente na criança.

Dessa forma, nota-se no texto freudiano de 1923 que haveria uma dupla situação edipiana, descrita pelo autor como positiva e negativa. De acordo com Freud (1923/1974) a situação positiva seria caracterizada pela ligação afetiva da criança com o genitor do sexo oposto e sentimentos de hostilidade com o genitor do mesmo sexo. Já a situação edipiana negativa, seria o inverso, pois a criança faria seus investimentos amorosos ao genitor do mesmo sexo e desenvolveria sentimentos de hostilidade ao sexo oposto.

Assim, o autor demonstra que essas duas situações edipianas, positiva e negativa, caminhariam juntas durante o período do complexo de Édipo, porém com a intensificação da problemática edípica, uma das correntes acaba predominando sobre a outra (FREUD, 1923/1974).

Como o intuito desse artigo é abordar o Complexo de Édipo para compreender o perfil psicológico do personagem Norman Bates, nesse momento, discorreremos sobre o Complexo de Édipo positivo na criança do sexo masculino.

Segundo Bock et al. (1999), no complexo de Édipo, a mãe é o objeto de desejo do menino, e o pai é o rival que impede seu acesso ao objeto desejado.

“Uma das formas principais de controlar a libido acontece quando a criança ultrapassa o chamado complexo de Édipo. O rapaz começa o seu desenvolvimento infantil tendo uma relação muito próxima da sua mãe.

Depois, por ter medo da castração por parte do pai o rapaz ultrapassa a sua relação amorosa com a mãe e faz parêntese com o pai passando a libido a ser focada fora da família num contexto cultural mais alargado” (FODOR et al., 1950, p. 130-131).

De acordo com Berger (2016, p. 186), “Todo menino se sente terrivelmente culpado por suas emoções incestuosas e assassinas. O menino teme que o pai lhe inflija terríveis castigos se o seu segredo for um dia descoberto”.

Bock et al. (1999, p. 98) aponta que “Ele procura então ser o pai para 'ter' a mãe, escolhendo-o como modelo de comportamento, passando a internalizar as regras e as normas sociais representadas e impostas pela autoridade paterna”.

Nesse momento cabe ressaltar que as regras, leis e limites podem ser instauradas na criança por qualquer figura de autoridade para a criança como observamos em Amazonas e Braga (2004), a discussão mais importante no que se refere ao desenvolvimento infantil, não é sobre a presença de um pai, quer seja biológico ou não, mas, sim, do Outro, que tanto pode estar ancorado no pai quanto nos irmãos, avós ou quem quer que seja.

Diante desse fato, percebe-se que esse processo de identificação passa a ser uma intervenção pela qual o indivíduo vai se constituir, e se transformar, tendo como consequência, a formação do superego (FREUD, 1923/1974).

Assim, de acordo com Freud (1923/1974), o superego, instância psíquica responsável pela internalização das regras sociais e morais, origina-se a partir do processo de identificação e de internalização das proibições, dos limites e da interdição emanadas da figura de autoridade, durante a problemática do complexo de Édipo. Assim, no mesmo texto freudiano, notamos que o superego resultaria de um processo identificatório com a lei/interdição da mãe, da qual o pai ou substituto seria o representante.

Assim, “Os meninos enfrentam o sentimento de culpa e o temor por meio da *identificação*, um mecanismo de defesa que possibilita que uma pessoa se veja refletida em outra. Como não podem tomar o lugar dos pais, os meninos se esforçam por imita-los” (BERGER, 2016, p. 186).

Para Bock et al. (1999), uma mudança importante acontece quando esta autoridade externa é internalizada pelo indivíduo:

“Ninguém mais precisa lhe dizer “não”. É como se ele “ouvisse” esta proibição dentro de si. Agora, não importa mais a ação para sentir-se culpado: o pensamento, o desejo de fazer algo mau se encarrega disso. E

não há como esconder de si mesmo esse desejo pelo proibido” (BOCK et al., 1999, p. 100).

Ao final do complexo de Édipo, “a mãe é 'trocada' pela riqueza do mundo social e cultural, e o garoto pode, então, participar do mundo social, pois tem suas regras básicas internalizadas através da identificação com o pai ou substituto” (BOCK et. al., 1999, p. 98).

Pode-se notar que a problemática do complexo de Édipo positivo da teoria psicanalítica traz a possibilidade de pensar na relação entre o personagem Norman e sua mãe, na série Bates Motel (2013) e no filme *Psicose* (1960). Assim, o próximo tópico buscará compreender o perfil psicológico do personagem Norman Bates, a partir da teoria psicanalítica.

### **3.5 Norman Bates e a Falha em Ultrapassar o Complexo de Édipo**

Oliveira e Gutemberg (2015) apontam que a narrativa do romance *Psicose* (1959) foi baseada no caso do *serial killer* americano Ed Gein, que cometeu assassinatos e exumou corpos femininos nos anos de 1950.

Para Matos (2012, p. 32) “Uma das questões a serem discutidas ao longo do filme, até mesmo pela relação com o assassino Ed Gein, é a de que o assassino de *Psicose* cometia seus crimes em virtude de sua mãe manipuladora e também por problemas com figuras femininas”.

De acordo com Oliveira e Gutemberg (2015, p. 4), “Norman cresceu escutando sua mãe dizer que o sexo era perverso e que todas as mulheres não prestam, exceto ela. Desse modo, ele começa a desenvolver certo fascínio pela mãe, se apaixonando”.

Essa constatação leva a pensar na problemática do complexo de Édipo da teoria psicanalítica, pois como foi apontado anteriormente em Bock et al. (1999), no complexo de Édipo, a mãe é o objeto de desejo do menino, e o pai é o rival que impede seu acesso ao objeto desejado. Assim de acordo com Fodor et al. (1950), na fase edípica, o menino teria uma relação muito próxima a sua mãe, mas após a instauração da castração, entendida como a interdição da mãe como objeto de desejo, realizada pela autoridade paterna, a criança passaria a internalizar as regras e normas sociais.

Assim, ao final do complexo de Édipo, “a mãe é 'trocada' pela riqueza do mundo social e cultural, e o garoto pode, então, participar do mundo social, pois tem

suas regras básicas internalizadas através da identificação com o pai ou substituto” (BOCK et al., 1999, p. 98).

Assim, segundo Bizarro (2000, p. 4), “Norman Bates é um exemplo de um rapaz que não teve oportunidade de ultrapassar o complexo de Édipo visto que o seu pai morreu quando ele era uma criança, não podendo introduzir nele o medo da castração”. Podemos perceber através do exposto que no caso de Norman, a problemática edípica não se é elaborada, pois diante da interdição da mãe, como objeto de desejo, emanada pela figura paterna, Norman cometeria o parricídio, como aponta Gontijo e Campo (2016, p.9), “O amor platônico que Norman sente pela mãe, o incita a matar o próprio pai”.

Podemos inferir a partir dessa constatação que Norman ficaria fixado a essa relação com a mãe, não conseguindo lidar com qualquer possibilidade de separação entre eles, como aponta Gontijo e Campos (2016, p. 9) “Nas três formas de se contar história de Norman Bates, é possível visualizar coisas em comum, como o fato de serem controlados pela mãe, e de serem incapazes de a largarem”.

Mas a trama do personagem não termina assim, se na infância, Norman comete o parricídio em função do amor que sente por sua mãe, ao final do filme, é constatado que, na adolescência, Norman assassinaria sua mãe e o padrasto envenenados por motivos de ciúme (GONTIJO; CAMPOS, 2016).

Aqui o leitor pode contestar: com a morte da mãe, Norman não teria promovido a separação entre eles, contrariando toda a análise realizada? E nesse momento, a trama se intensifica e é revelado que “Norman não consegue viver sem a presença da mãe, então, ele rouba-lhe o cadáver (...) Ele queria interagir com ela, por isso, ele assume para si a personalidade da mãe, atribuindo à mulher a culpa por todos os seus crimes (SILVA et al., 2015, p. 10).

Assim podemos observar a partir do filme Psicose (1960) que a patologia do personagem se agrava exatamente quando a sua mãe morre e a ausência dela se torna insuportável, assim Norman “desenvolve um transtorno dissociativo de identidade, que faz com que ele assuma por vezes a personalidade da sua falecida mãe” (GONTIJO; CAMPOS, 2016, p. 4).

A partir de Freud (1921/1974) percebemos que durante a problemática edípica, pode ocorrer de uma escolha de objeto regredir para uma identificação, como aponta Moreira (2004) “O menino pode se recusar a abandonar a mãe e

transformar sua catexia objetual em uma identificação regressiva; pode espelhar-se na mãe como outro-narcísico”.

Assim podemos notar, através da análise do filme *Psicose* (1960) e da teoria psicanalítica, que amor que Norman mantinha pela sua mãe é transformado em uma identificação com ela, produzindo outra identidade no personagem, como demonstra Oliveira; Gutemberg (2015, p. 134), “Na prisão, é através da fala de um psiquiatra que temos conhecimento de que quem comete os assassinatos é Norman – travestido – em meio a um transtorno de personalidade que o faz acreditar ser sua mãe”.

Dessa forma, podemos concluir que Norman se mantém fixado à fase edípica, mas diante da impossibilidade de ter a mãe como objeto de desejo, passa a identificar-se com a figura materna que se transforma em uma de suas duas personalidades.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O romance *Psicose* (1959), assim como suas respectivas adaptações para cinema e TV, permitiu a elaboração de um perfil psicológico do personagem Norman Bates, protagonista da história, com base no Complexo de Édipo, conceito utilizado na teoria psicanalítica para definir a fase do desenvolvimento a qual a mãe torna-se objeto de desejo do menino e o pai é visto como o rival que o impede de ter acesso ao objeto (FREUD, 1923/1974).

Ao final do Complexo de Édipo, seguindo o desenvolvimento infantil, espera-se que esse desejo seja substituído pela riqueza do mundo social, uma vez que o menino adquiriu todas as regras morais necessárias para o seu convívio em sociedade (BOCK et al., 1999).

Por outro lado, segundo a teoria psicanalítica, a ausência da instauração da lei/interdição na criança pode resultar em uma falha na elaboração do complexo de Édipo, ocasionando, em alguns casos, a recusa em abandonar a mãe como objeto de desejo, transformando-a em objeto de identificação (MOREIRA, 2004).

Dessa forma, concluímos que diante da impossibilidade de abandonar a mãe como objeto de desejo, O personagem Norman Bates passa a identificar-se com a figura materna que se transforma em uma de suas duas personalidades, desenvolvendo um transtorno dissociativo de identidade.

## REFERÊNCIAS

Amazonas, M. C. L. A; Braga, M. G. R. Uma redescricao de familia e a funcao paterna. Encontro. UNIA, 9(10), 33-46, 2004.

ANDRADE, M. L. de. Literatura e Games: Questões atuais do estabelecimento do campo literário. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual De Maringá - Centro De Ciências Humanas, Letras E Artes Programa De Pós-Graduação Em Letras. Paraná: 2016.

Bates Motel (Primeira Temporada), Direção de David Straiton, Ed Bianchi, Johan Renck, Paul F. Edwards S. J. Clarkson Tucker Gates, EUA, Distribuição Universal studios, 2013, Dvd,Cor, 450 min.

Bates Motel (Segunda Temporada), Direção de David Straiton, Ed Bianchi, Johan Renck, Paul F. Edwards S. J. Clarkson Tucker Gates, EUA, Distribuição Universal studios, 2014, Dvd,Cor, 450 min.

Bates Motel (Terceira Temporada), Direção de David Straiton, Ed Bianchi, Johan Renck, Paul F. Edwards S. J. Clarkson Tucker Gates, EUA, Distribuição Universal studios, 2015, Dvd,Cor, 450 min.

BERGER, Kathleen Stassen. O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade. Trad. Dalton Conde de Alencar. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BIZARRO, Sara. Vertigo e Psycho, Hitchcock e a Psicanálise. Intelectu, n. 4, 2000

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 1999

BLOCH, Robert. Psicose. Tradução de Anabela Paiva, Darkside books – Rio de Janeiro, 2013.

FREUD, S. (1921) Psicologia de Grupo e Análise do Eu. IN: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1974.

FREUD, S. (1923) O ego e o Id. IN: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX, 1974.

FREUD, S. (1931). Sexualidade Feminina. IN: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1974.

JÚNIOR, Luís E. C. NETO, Octávio N. Psicose: Análises da adaptação da obra literária ao meio audiovisual. Comunicação - reflexões, experiências, ensino |Curitiba | v. 10| n.10|p. 173-184| 2º Semestre 2015

Fodor, Nandor & Gaynor, Frank (eds), Freud: Dictionary of Psychoanalysis. Philosophical Library, New York, 1950.

GONTIJO, Yara E. F.; CAMPOS, Paula K. D. TRÊS PSICOSES EM INTERMÍDIAS: Norman Bates no romance, no filme e na televisão. Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG. Goiás, 2016.

MATOS, Daniel I. de. Serial Killers: Cinema e Representação. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Unioeste. Paraná, 2012.

MOREIRA, Jacqueline de O. Édipo em Freud: O movimento de uma teoria. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai. /Ago. 2004.

OLIVEIRA, Tiago L. de. GUTEMBERG, Alisson. Os arquétipos de *Psicose*: análise dos personagens do filme de Alfred Hitchcock. Ano XI, n. 09. Setembro/2015. NAMID/UFPB – Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em: 12 de Setembro de 2016.

PENA, Silvio da Silva. Saul Bass e os créditos do filme *Psicose* de Alfred Hitchcock. XXI Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico. 2013. Disponível em: <http://wright.ava.ufsc.br/~grupohipermedia/graphica2013/trabalhos/SAUL%20BASS%20E%20OS%20CREDITOS%20DO%20FILME%20PSICOSE%20DE%20ALFRED%20HITCHCOCK.pdf> Acesso em: 30 de Julho de 2016.

*Psicose*, Direção Alfred Hitchcock, EUA, Distribuição Paramount Pictures/ Universal Studios, 1960, Preto e Branco, 109 min.

SILVA, Willian S. da. SILVA, Luciana L. S. e. COELHO, Selma B. Obsessões de um Gênio. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Uberlândia - MG – 19 a 21/06/2015

WHITAKER, James. Psicologia. Interamericana, Rio de Janeiro: P. 495, (1977).